



futuro.

"Mais de 40%
da população africana
Subsaariana vivem
na extrema pobreza"

Etiópia se
encontra à
beira de uma
guerra civil 1
ano após seu
ministro
ganhar o
Prêmio Nobel
da Paz.

A REALIDADE DA ÁFRICA

NÃO FIQUE EM SILÊNCIO



RACISMO FAZ MAL À SAÚDE. DENUNCIE, LIGUE 136!

CHAMADA LIGUE
136
Número Verde 24h
www.anucl.gov.br

Independente da raça, cor, credo, orientação sexual, idade ou condição social, todo cidadão tem direito ao atendimento digno e humanizado no SUS. Diga não a toda forma de discriminação.

#Educação #Educação #Educação #Educação



Política de Saúde

Ministério da Saúde

BRASIL
15 de Novembro de 2018

CARTA AO LEITOR

Queridos leitores, nesta edição da revista *Futuro*, focamos na África, apresentando vários aspectos da vida dos cidadãos, além de belezas e culturas, usando de notícias, reportagens, receitas, caça-palavras e cruzadinha e até recomendações de livros e filmes vindas diretamente dos editores, com o objetivo de informá-los sobre esse continente.

Atenciosamente, equipe da *Futuro*.



SUMÁRIO



03 CARTA AO LEITOR

06 EDITORIAL

08 ENTREVISTA

12 ETIÓPIA À BEIRA DE UMA GUERRA CIVIL

16 UMA ÁFRICA DESIGUAL NO ENFRENTAMENTO À PANDEMIA

27 AS TRANÇAS CARREGAM CÓDIGOS SOCIAIS E HIERÁRQUICOS DAS TRIBOS AFRICANAS

30 A CULTURA AFRICANA E SUA INFLUÊNCIA NO BRASIL

32 ARTIGO DE OPINIÃO

34 CURIOSIDADES

36 CRÔNICA

37 CHARGES

39 CULINÁRIA AFRICANA

42 RECOMENDAÇÕES

45 CAÇA-PALAVRAS

47 A GRANDE MURALHA VERDE

49 CRUZADINHA

51 ÁFRICA ULTRAPASSA MARCA DE 200 MIL MORTOS POR COVID-19



Embora não se possa negar que há tempos a fome, a desigualdade social, e a pobreza vêm se espalhando pelo mundo, principalmente em nações afetadas por problemas climáticos, recessões econômicas, conflitos étnicos ou guerras constantes, em várias partes do mundo a pandemia provocou recessões brutais e prejudicou de forma extrema o acesso a recursos básicos. Como exemplo de uma destas partes do mundo afetadas, tem-se a África Subsaariana, que contou com a carência de alimentos e até mesmo produtos para a higienização pessoal e prevenção contra a covid-19, como sabão e, principalmente, água.

Essa relação foi confirmada no último relatório da ONU, que constatou um agravamento dramático da fome mundial em 2020, muito provavelmente relacionado às consequências da covid-19. Embora ainda não se tenham mapeado os impactos da pandemia para além dos agravamentos da saúde e da fome, estima-se que cerca de 1/10 da população mundial enfrentou a fome em 2020; mais de 1/3, na África...

O continente foi o que enfrentou o aumento mais acentuado da fome; nele, a prevalência estimada em 21% da população é mais do que o dobro de qualquer outra região.

Por isso, estima-se que a meta “Fome Zero até 2030” não será alcançada por uma assustadora margem de mais de 600 milhões de pessoas, sendo que, desse total, cerca de 30 milhões podem estar relacionados aos efeitos duradouros da pandemia.

Mas quem tem fome tem pressa. Por isso o mundo precisa de ações urgentes para uma reversão do quadro de escassez de alimentos até 2030.

Entre as medidas sugeridas, destacam-se as que recomendam integração, políticas humanitárias de desenvolvimento e de pacificação das áreas de conflitos;

Fomento da resiliência climática em todos os sistemas alimentares e dos mais vulneráveis às adversidades econômicas, por meio de apoio em dinheiro para diminuir o impacto de choques do tipo pandêmico ou volatilidade dos preços dos alimentos.

Combate à pobreza e às desigualdades estruturais, por exemplo, estimulando cadeias de valor de alimentos em comunidades pobres por meio de transferências de tecnologia e programas de certificação.

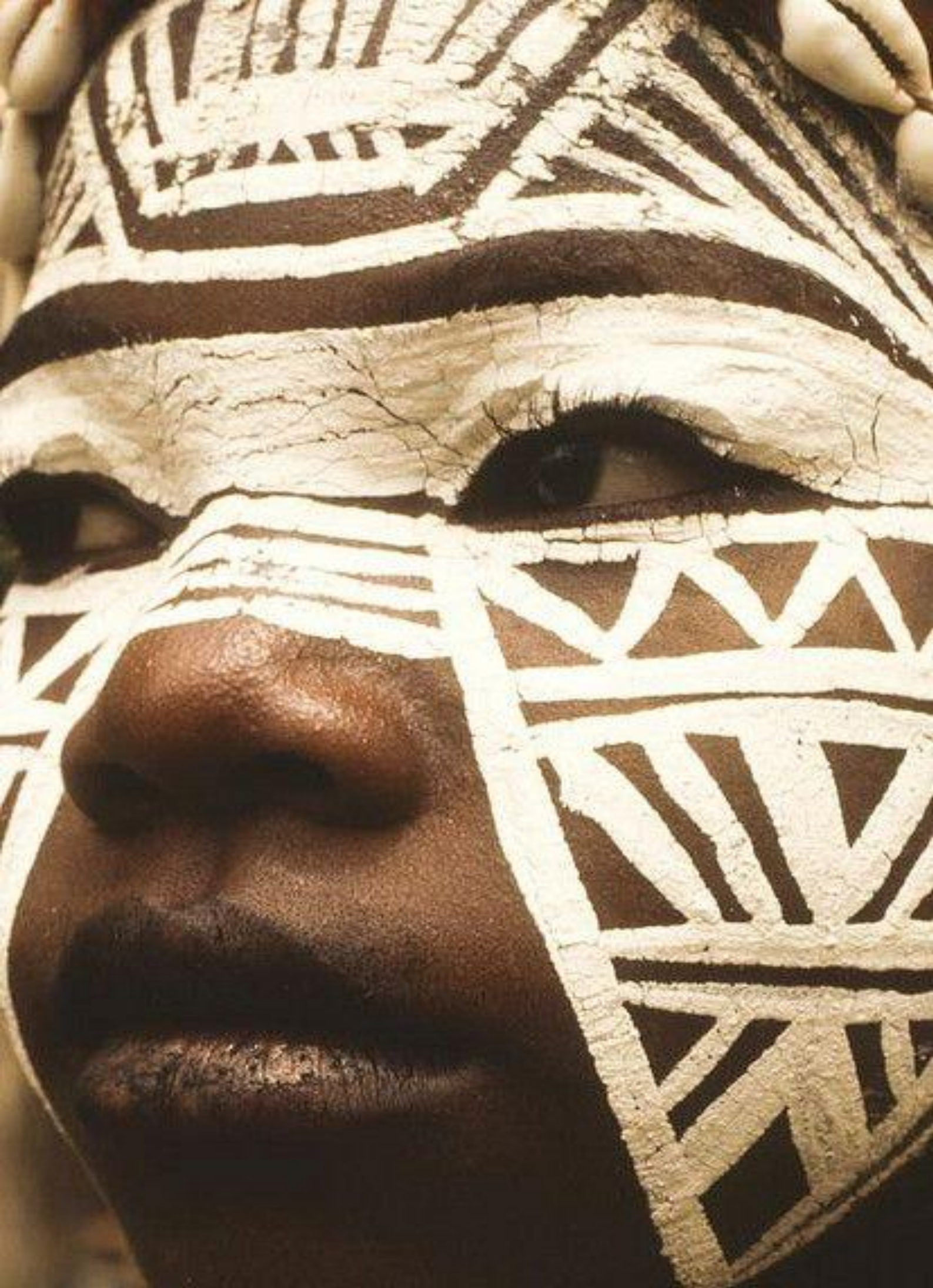
autor do projeto

Pedro Delfino Vieira

integrantes

- > Isabela Avellar
- > Isabella Alves
- > Clarisse Silva
- > Pedro Ferreira
- > Alice Botinha





Na intenção de entendermos melhor a ocorrência da Aids e outras infecções sexualmente transmissíveis, conversamos com a Cristina, bioquímica e funcionária pública.



Cristina, qual a relação de seu trabalho com o continente africano?

Na área da saúde, trabalhei muitos anos na análise laboratorial que auxiliava no diagnóstico de inúmeras doenças parasitárias e infecciosas. Também participei de pesquisas para a criação de uma vacina recombinante contra leishmaniose cutânea humana na UFMG. Hoje trabalho dentro do serviço público federal na área da Conciliação e adquiri experiência nas relações internacionais para solução de conflitos e também na área de atuação do Estado para resolução de problemas de saúde, assistência previdenciária e social muitas vezes criados por ele mesmo.

Infelizmente, o continente africano apresenta muitos casos tristes de doenças que ainda não foram controladas ou sanadas, como coqueluche, sífilis, meningite, tétano, sarampo, tuberculose, pneumonia, Aids, malária, diarreia. Por isso os trabalhos de diagnóstico e tratamento realizados junto a essa população, além de extremamente necessários, também trazem informações riquíssimas ao mundo da ciência. Ah, não posso esquecer o quanto essa população está sofrendo com a disseminação da covid-19, pois em sua grande maioria nem diagnosticada é.

O que poderia ser feito para reduzir o número de acometidos por essas doenças mortais?

De uma forma resumida, a educação é a base para o bom desenvolvimento de qualquer ser humano, e, nestes casos, a educação aliada à higiene são fundamentais para livrar o povo africano da maioria das doenças. São em sua maioria medidas simples que salvariam a parte mais vulnerável da população: mulheres e crianças. Sabemos que as péssimas condições de vida levam essas pessoas a ficarem doentes.

O que pode ser feito para melhorar a qualidade de vida dos africanos?

Muito interessante essa pergunta, pois, da mesma forma que más condições levam a doenças, doenças levam a más condições de vida, pois afetam negativamente na produção e na economia da região. Parece um ciclo vicioso.

Há poucos dias me deparei com uma reportagem em que um novo estudo analisa o impacto das más condições de saúde sobre as pequenas e microempresas na região de Durban.

O estudo, intitulado “Más condições de saúde matam pequenas empresas: doenças e microempresas na África do Sul” (Poor Health Kills Small Businesses: Illness and Microenterprises in South Africa), foi publicado na edição de março/abril de *Health Affairs* (2007).

Os pesquisadores constataram que “as condições precárias de saúde e a piora dessas condições ao longo do tempo estão intimamente associadas ao fechamento subsequente de empresas”.



SEJA VOCÊ UM HERÓI

DOE PARA OS MÉDICOS SEM FRONTEIRAS

Você não precisa ter super poderes para salvar vidas e transformar o mundo.

O que parece pouco para você, pode ser muito para quem precisa, doe o quanto puder e ajude o Médico sem fronteiras.



Acesse o código e ajude.





Etiópia à beira de uma guerra civil

Um ano depois de receber o Prêmio Nobel da Paz, Abiy Ahmed Ali, o primeiro-ministro da Etiópia, agora vê seu país caminhando para uma guerra civil.



É o que temem analistas e observadores sobre o conflito armado que começou há mais de uma semana no país da África Oriental e que até agora deixou centenas de mortos e milhares de deslocados que buscam refúgio no Sudão.

Na Etiópia, o segundo país mais populoso da África, o Exército federal enfrenta tropas ligadas à Frente de Libertação Popular (FLPT), partido nacionalista que governa a região do Tigray, no norte etíope.

As tensões entre o governo federal e a região do Tigray aumentaram nos últimos meses, mas as hostilidades recentes alimentaram temores de que uma guerra civil ameace a estabilidade no Chifre da África, uma das áreas mais turbulentas e estratégicas do planeta.

Neste sábado (14/11), o confronto se agravou, com foguetes sendo disparados contra a Eritreia, vizinha da Etiópia.

Como o conflito armado começou

Em 4 de novembro, Abiy Ahmed Ali anunciou uma ofensiva militar contra a Frente de Libertação Popular do Tigray.

O primeiro-ministro justificou a ofensiva acusando as tropas do Tigray de atacar uma base militar federal perto de Mekele, capital da região.

Desde então, ocorreram confrontos armados entre os dois lados, com ataques aéreos realizados pelo Exército federal.

Na quinta-feira, a ONG Anistia Internacional informou sobre um massacre ocorrido na noite de 9 de novembro, quando “dezenas ou provavelmente centenas de pessoas foram mortas a facadas e a machadadas” em Mai-Kadra, a oeste do Tigray.

Obter informações é difícil. As linhas telefônicas e a internet não funcionam e o acesso dos jornalistas é restrito.

Disponível em:

<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-54951328>.

Qual é o plano de fundo do conflito?

Durante décadas, o FLPT foi um partido dominante na Etiópia, mas tudo mudou com a chegada de Abiy Ahmed ao poder, em 2018.

Eleito como um “líder reformista”, o novo primeiro-ministro acusou ex-funcionários do governo de corrupção e abusos aos direitos humanos e expulsou políticos importantes da FLPT do governo central. Abiy Ahmed dissolveu a coalizão multiétnica que governava o país até então e criou o Partido da Prosperidade (PP), o que aumentou a tensão política.

A FLPT se opôs, alegando que essa ação dividiria o país e se recusou a fazer parte da nova aliança.

Tampouco ficou satisfeita com o resultado das negociações de paz entre a Etiópia e a Eritreia, após 20 anos de guerra, considerando que seus interesses haviam sido negligenciados.



As tensões se acentuaram em setembro passado, quando o Tigray realizou eleições regionais, apesar de o pleito ter sido adiado pelo governo federal por causa da pandemia de covid-19.

“O governo de Abiy Ahmed não reconheceu a legitimidade das eleições do Tigray, cortou laços e congelou orçamentos federais”, diz Ahmed Soliman, especialista no Chifre da África para *Chatham House*, um think tank com sede em Londres, à *BBC News Mundo*, o serviço de notícias em espanhol da BBC.

“Ele também os acusou de incitar à violência no país”, acrescenta Soliman. A FLPT até ameaçou se tornar independente, citando um artigo da Constituição federal que permite “o direito incondicional à autodeterminação, incluindo a secessão”.

Qual a probabilidade de uma guerra civil?

Um possível cessar-fogo não parece estar a caminho.

“Preparamos nosso Exército, milícias e forças especiais. Se tivermos que lutar, estamos prontos para vencer”, declarou Debretsion Gebremichael, presidente da FLPT, no início do confronto.

“Eles cruzaram a última linha vermelha”, disse Abiy Ahmed antes de anunciar o ataque.

“O governo pode calcular que uma ofensiva militar intensa pressionará os líderes do Tigray, evitará um conflito em larga escala no longo prazo e lhe dará uma vantagem nas negociações”, explica Soliman.

No entanto, o especialista alerta para a “perspectiva assustadora” de que as intenções do governo são eliminar os dirigentes da FLPT, já que, dada “a grande, sofisticada e poderosa história militar deste partido, poderíamos estar caminhando para um conflito muito maior e prolongado”, acrescenta.

Qual é a responsabilidade de Abiy Ahmed Ali no conflito?

Abiy Ahmed Ali recebeu o Prêmio Nobel da Paz em 2019 por seus esforços para encerrar 20 anos de guerra entre a Etiópia e a Eritreia.

Ele chegou ao poder com a intenção de reformar, unificar e modernizar o país. Agora se vê imerso em um conflito armado com uma saída difícil.

“Acho que os dois lados podiam fazer mais para evitar essa escalada, principalmente no ano passado. Nenhum deles adotou uma postura realmente aberta ao diálogo”, diz Soliman.

“O fato de o governo federal não reconhecer as eleições do Tigray e cortar seu orçamento não contribuiu para as negociações”, acrescenta o especialista.

No entanto, Soliman alerta que os problemas estruturais e divisões políticas e étnicas que agora emergem com o conflito são o produto de “situações históricas não resolvidas por anos, antes da chegada de Abiy Ahmed ao poder”.

Quais são as repercussões do conflito para a região?

Várias potências mundiais, como os Estados Unidos e a China, mantêm bases militares no Chifre da África devido ao seu histórico volátil e à sua localização estratégica como rota comercial.

E a paz na Etiópia é considerada pelos especialistas como essencial para a estabilidade desta região.

“A Eritreia, que faz fronteira com o Tigray e cujo presidente de fato, Isaias Afwerki, é próximo de Abiy Ahmed, também pode arrastá-los para um confronto contra a FLPT”, analisa o think tank International *Crisis Group*.

“A disputa pode afetar o Sudão, país que também passa por outra transição política”, acrescenta Soliman.

Especialistas temem que uma crise humanitária de maior consequência possa estar emergindo, forçando os migrantes a viajar a outras partes do mundo, como a Europa.

“Ainda é possível evitar esse cenário se houver pressão sobre as partes para um cessar-fogo com urgência. Elas devem se dar conta de que não há caminho para uma vitória rápida e devem dar início a negociações mesmo que ambas se considerem ilegítimas”, conclui o especialista.



UMA ÁFRICA DESIGUAL NO

Ao sul do Saara, onde estão 47 dos 54 países africanos, a covid-19 avança. Lá, 437 milhões vivem com até R\$ 300 ao mês. Metade da população urbana nem sequer tem como lavar as mãos. Depois da América do Sul, pode ser o novo epicentro

Os primeiros casos de contaminação por covid-19 no continente africano foram oficialmente registrados no final de fevereiro e início de março na cidade de Lagos, na Nigéria, e em Dacar, capital do Senegal, ambas localizadas na África Subsaariana, onde estão 47 dos 54 países africanos. Até o final da semana passada, 99.062 pessoas foram infectadas pelo novo coronavírus em todo o continente, sendo que a África Subsaariana é o epicentro da epidemia até o momento, com mais de 66 mil casos e mais de 1.500 mortes, enquanto a África do Norte, também conhecida como África Setentrional, registra 31.232 casos e 1.522 óbitos, informa o economista Raphael Bicudo à *IHU On-Line*.

Desde os anos 2000, Bicudo estuda o desenvolvimento econômico da África Subsaariana e diz que o alastramento da pandemia na região é visto com grande preocupação por causa do quadro social e do precário sistema de saúde da maioria dos países. “A maior parte dos países da África Subsaariana se depara com sistemas de saúde globalmente precários e de baixa capilaridade espacial. Mais da metade da população não tem acesso a serviços de saúde, em função da precariedade dos estabelecimentos e dos equipamentos, carência de material e remédios, falta de leitos e de Unidades de Terapia Intensiva – UTI, dificuldades de acesso etc.” Em Gâmbia, um pequeno país da África Subsaariana onde vivem aproximadamente 2,28 milhões de pessoas, menciona, “não existem UTIs.



A necessidade ultrapassa 1.000 unidades. A Somália conta apenas com 15 leitos de UTI para quase 15 milhões de pessoas, situação semelhante ao caso do Maláui, que conta com 25 unidades de terapia intensiva para 17 milhões, e Uganda com 55 UTIs para mais de 40 milhões de pessoas”.

Na entrevista a seguir, concedida por e-mail, o economista menciona que o crescimento econômico do continente africano nas duas últimas décadas, oriundo fundamentalmente da exportação de recursos naturais para a China,

Disponível em:

<https://outraspalavras.net/outrasmidias/uma-africa-desigual-no-enfrentamento-a-pandemia/>

ENFRENTAMENTO À PANDEMIA



“não gerou uma melhora do quadro social”, impossibilitando a superação da pobreza intergeracional, e 76% dos empregos nos países da África Subsaariana são informais. Esse quadro, ressalta, dificulta a adesão da população a medidas como o distanciamento social. “Milhões de adultos e crianças só possuem essa forma de sobrevivência e isso depende das ruas, dificultando o isolamento social – uma das principais formas de evitar o contágio”. Além disso, pontua, “em Nairóbi, capital do Quênia, existem favelas (chamadas de Mukuru), onde meio milhão de pessoas vivem em condições muito precárias.

A maior parte das casas são feitas de papelão ou plástico, inexistente ventilação ou algum tipo de drenagem, não há coleta de resíduos, facilitando a proliferação de doenças. Como separar as pessoas em caso de infecção? Em grande parte da região, não existe esta possibilidade”.

Raphael Bicudo lembra ainda que em muitos países africanos faltam os elementos básicos para enfrentar a pandemia, como água e sabão para lavar as mãos. “63% da população da região que vivem em áreas urbanas (258 milhões de pessoas) não têm acesso à possibilidade de lavar as mãos. O acesso à água nos países da África Subsaariana é extremamente difícil nas áreas urbanas e principalmente nas áreas rurais. Mais de 30% de todas as pessoas nos países da África Ocidental e Central não possuem acesso à água potável”.

Segundo ele, tanto o desemprego quanto a retração das atividades informais poderão gerar consequências ainda mais drásticas pós-pandemia, levando milhões de africanos para a situação de pobreza extrema, “aumentando ainda mais o contingente que já é de mais de 400 milhões”. Na entrevista, Bicudo também reflete sobre como a pandemia de covid-19 pode agravar o enfrentamento de outras doenças que afligem a África, como o HIV, que atinge mais de dois milhões de crianças de até 14 anos.

Raphael Bicudo é mestre em Economia Política pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e doutorando em História Econômica pela Universidade de São Paulo (USP). Atualmente, leciona na Universidade Presbiteriana Mackenzie, na Fundação Getúlio Vargas (FGV), no Centro Universitário Belas Artes e na BBS Escola Internacional de Negócios, em Luanda, Angola. É autor de *A Economia Social de Angola e da África Subsaariana* (São Paulo: Editora Xamã, 2012).

Qual é a situação econômica e social da África Subsaariana? Quais são as causas desse cenário?

Do ponto de vista estritamente econômico, podemos caracterizar a situação econômica dos países da África Subsaariana (ASS) a partir das seguintes fases:

1ª fase, entre 1960-74: crescimento mais rápido. O PIB cresceu a uma taxa média anual de 5,3%. Podemos destacar dois subperíodos: 1) 1960-70, com o impulso das independências e o lançamento de programas de investimento em infraestrutura – a taxa média de crescimento do PIB foi da ordem de 5,2%; e 2) 1970-74, o *boom* das matérias-primas, cujo crescimento de receitas permitiu novos programas de investimento – a taxa média de crescimento registrou 5,4%.

2ª fase, entre 1974-1981: crescimento mais moderado (taxa de crescimento de 2,4%). Situação de declínio econômico, provocada pela quebra do impulso inicial da década de 1960, decorrente da queda acentuada do preço das matérias-primas da segunda metade da década de 1970. O período que compreende 1977 a 1981 foi marcado pelo forte endividamento dos países da África Subsaariana.

3ª fase, entre 1981 e 1993: foi a fase da chamada “década perdida”, com uma taxa média de crescimento da ordem de 1%. Foi também o período do ajustamento estrutural, dado o peso que a agenda das reformas econômicas do Banco Mundial e do Fundo Monetário Internacional (FMI) acabou por exercer sobre o continente.

4ª fase, desde 1993: fase tímida de recuperação, com uma taxa média de crescimento anual de 3,2%. Um dos fatores responsáveis por tal recuperação foi o fluxo de Investimento Externo Direto (IED), cujo crescimento está aquém do que acontece em outras regiões em desenvolvimento, mas que, comparado com o passado, é significativo para a ASS.

5ª fase, a partir dos anos 2000: as economias da África Subsaariana passaram a apresentar um crescimento econômico bastante significativo, da ordem de 5,5% a 6% a.a., com algumas oscilações e situações diferenciadas entre os países, praticamente até o ano de 2019. Esse período de crescimento pode ser explicado pelo aumento das exportações de recursos naturais (*commodities*: minerais, metálicas e agrícolas) para a China, por um maior volume de Investimento Externo Direto, na sua maior parte chinês, bem como pelo aumento de obras públicas na região.

No tocante às questões sociais, a região da África Subsaariana apresenta indicadores bastante negativos, comparativamente a outras regiões. O crescimento econômico obtido ao longo dos anos 2000 pode ser considerado como não inclusivo, do ponto de vista social, principalmente quando olhamos para os números da pobreza extrema (famílias que vivem com US\$ 1,90 dia), que, segundo o World Bank, em 2019, registrou um contingente de 437 milhões. Cabe acrescentar, ainda, que as projeções para 2030, segundo o mesmo World Bank, indicam que, de cada dez pessoas em situação de pobreza extrema, nove viverão nos países da África Subsaariana.

Pobreza intergeracional

A África Subsaariana, segundo a UNFPA da ONU (Órgão para os estudos da população da ONU), apresenta uma população de aproximadamente 1.080.429 pessoas, com uma taxa de crescimento populacional de 2,7 a.a. (2000-2018). A população com menos de 18 anos gira em torno de 530.744, e aqueles com idade inferior a cinco anos perfazem um total de 171.759. Dessa forma, mais da metade da população é considerada jovem. Quando cruzamos os dados populacionais com os indicadores de pobreza extrema, bem como outros indicadores sociais, isso nos remete ao problema da pobreza intergeracional. Ou seja, as crianças e jovens da África Subsaariana, provavelmente, terão uma vida igual ou pior daquela vivida por seus pais.

Outros indicadores sociais importantes dizem respeito à Taxa de Mortalidade de menores de cinco anos (TMM5) – por mil nascidos vivos e a expectativa de vida ao nascer.

Em ambas, a região da África Subsaariana apresenta evolução, quando consideramos o ano de 2000 e 2018. A TMM5 era 153 em 2000, passando para 78 em 2018.

Em ambas, a região da África Subsaariana apresenta evolução, quando consideramos o ano de 2000 e 2018. A TMM5 era 153 em 2000, passando para 78 em 2018. Em relação à esperança de vida ao nascer na região, passou de 50 anos em 2000, para 61 anos em 2018 – baixo para os padrões mundiais, o que não deixa de ser um avanço importante para os países da África Subsaariana.

Cabe acrescentar, também, a gravidade da situação referente à insegurança alimentar na região. Com base nos últimos dados da Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura (FAO), o número de pessoas que não ingere a quantidade calórica necessária para passar um dia é de quase 300 milhões de pessoas. Aproximadamente, 40% das crianças africanas com idade até cinco anos apresentam quadro de desnutrição.

Portanto, mesmo com uma fase bastante positiva de crescimento econômico nas últimas décadas (como falamos acima), não houve uma melhora do quadro social. Depreende-se dessa situação que o crescimento econômico por si só não vem sendo suficiente para incluir a maior parte dos africanos na sociedade. Faz-se necessário ter políticas sociais estruturais nas mais diversas áreas, para tentar reverter o problema da pobreza intergeracional.

Quais são as principais diferenças entre a África Subsaariana e a África Setentrional?

A última atualização em 21/05/2020, apresentada pelo Centro de Controle e Prevenção da União Africana (África CDC), registra um aumento de 95.201 para 99.062 no número de infectados pela covid-19, nas últimas 24 horas e um total de mais de 3.000 óbitos.

Cabe um esclarecimento inicial importante: minha pesquisa, desde o início dos anos 2000, se concentra sobre a região da África Subsaariana, portanto, vou procurar enfatizar essa realidade ao longo da entrevista.

Sobre o total de infectados e os casos de óbitos decorrentes da pandemia ocasionada por covid-19, cabe apresentar os dados sobre o continente africano como um todo, pois a concentração maior do número de casos até o momento está na África Subsaariana.

África Ocidental apresenta 27.168 infectados e um total de 578 óbitos, e na África Austral o número de pessoas infectadas é da ordem de 20.616 e 389 mortes – no caso da África Austral, a África do Sul concentra a quase totalidade dos casos, com 19.137 infectados e 696 óbitos. O Norte da África, por sua vez, registra 31.232 casos e 1.522 óbitos.

Seis países concentram 2/3 dos casos no continente africano: África do Sul (19.137), Egito (15.003), Argélia (7.728), Marrocos (7.211), Nigéria (7.016) e Gana (6.486).

Alguns países da região da África Subsaariana estão apresentando evolução no número de infectados, são eles: Camarões (4.288), Sudão (3.138), Djibuti (2.047), República Democrática do Congo (1.944), Gabão (1.567), Somália (1.534), Quênia (1.109), Níger (924), Zâmbia (866) e Burquina Fasso (812).

A grande preocupação com o alastramento da pandemia na região se dá em virtude do quadro social e das precárias condições dos sistemas de saúde na maioria dos países da África Subsaariana.

Que medidas têm sido adotadas na África para enfrentar a pandemia? Quais são as diretrizes dos governos?

Os primeiros casos de contaminação foram oficialmente registrados nas metrópoles de Lagos (27/02/2020) e Dacar (03/03/2020). Governos e autoridades sanitárias do continente adotaram, quase imediatamente, políticas, medidas e protocolos de prevenção e tratamento semelhantes aos do resto do mundo.

Considerando a precariedade dos sistemas e equipamentos de saúde pública de muitos países, governos africanos levaram imediatamente em consideração que um aumento exponencial dos casos de covid-19 geraria uma situação de colapso nos centros de saúde e estabelecimentos hospitalares. Com o intuito de reduzir a transmissão do vírus, as autoridades agiram rapidamente no sentido de limitar as aglomerações de pessoas em lugares públicos, de promover o distanciamento social, além de adotar medidas de contenção territorial (controle mais rígido das fronteiras terrestres, limitação do tráfego aéreo etc.). Por exemplo: a Gâmbia fechou sua fronteira com o Senegal, na África do Sul foi decretada a quarentena obrigatória, a Nigéria decretou o confinamento nas suas duas cidades mais populosas, no Quênia há um toque de recolher, Angola vem mantendo o isolamento social, ou seja, os governos vêm fazendo um esforço significativo para quebrar a cadeia de transmissão, na maior parte dos casos, contando com vários fatores adversos.

Cabe aqui uma observação: os países da África Subsaariana, através de seus governos, vêm apresentando um comportamento muito superior ao do governo brasileiro. Os países da África Subsaariana seguem as recomendações da Organização Mundial da Saúde (OMS), baseadas nos preceitos da ciência, bem como consideram a opinião de muitos bons especialistas em diversos países da região.

Que instituições têm desempenhado um papel importante no enfrentamento da pandemia nos países africanos?

Além dos governos já mencionados, o papel de diversas **ONGs** africanas e não africanas, bem como o de instituições como Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef), Médicos sem Fronteiras, são sempre dignos de nota, além da Organização Mundial da Saúde, da União Africana e a contribuição dos cientistas locais, das universidades. Um coletivo de 25 intelectuais africanos (Diagne, Sarr, Lopes, Mbembe, Nubukpo etc.) destaca que as redes de solidariedade sociais de proximidade e a gestão familiar das doenças, que costumam compensar parcialmente as falhas dos aparelhos de Estado, podem mitigar os impactos sanitários e psicológicos da pandemia.

Quais são as maiores preocupações e dificuldades no momento tanto no âmbito social quanto da saúde? Ainda nesse sentido, como é o sistema de saúde na região?

Na área da saúde, com base em relatórios da Comissão Econômica das Nações Unidas para a África (Uneca),

poucos países da África Subsaariana (África do Sul, Senegal, Quênia, Costa do Marfim) dispõem de infraestruturas sanitárias mais adequadas. A maior parte dos países da África Subsaariana se depara com sistemas de saúde globalmente precários e de baixa capilaridade espacial. Mais da metade da população não tem acesso a serviços de saúde, em função da precariedade dos estabelecimentos e dos equipamentos, carência de material e remédios, falta de leitos e de Unidades de Terapia Intensiva (UTI), dificuldades de acesso etc.

Por exemplo, no caso de Gâmbia, não existem UTIs. Neste momento, estão sendo criadas cem em todo o país. A necessidade ultrapassa 1.000 unidades. A Somália conta apenas com 15 leitos de UTI para quase 15 milhões de pessoas, situação semelhante ao caso do Maláui, que conta com 25 unidades de terapia intensiva para 17 milhões, e Uganda com 55 UTIs para mais de 40 milhões de pessoas.

Cabe considerar também que, em muitos países da África Subsaariana, os deficitários sistemas de saúde possuem muitos pacientes acometidos de doenças como a tuberculose, HIV, malária e muitos casos de desnutrição aguda.

No Norte do Mali, o Comitê Internacional da Cruz Vermelha aponta que 93% das estruturas sanitárias foram destruídas pelo conflito em curso. O acesso às distantes instalações do Sul do país é oneroso e inseguro demais para a maioria da população. No Burquina Fasso, os conflitos no Leste do país provocaram um afluxo de deslocados em cidades médias cujas capacidades sanitárias já beiram a saturação.

Social

Na área social, o problema da alta densidade populacional pode facilitar o alastramento da covid-19 na maior parte dos países da região. Em Nairóbi, capital do Quênia, existem favelas (chamadas de Mukuru), onde meio milhão de pessoas vivem em condições muito precárias. A maior parte das casas são feitas de papelão ou plástico, inexistente ventilação ou algum tipo de drenagem, não há coleta de resíduos, facilitando a proliferação de doenças. Como separar as pessoas em caso de infecção? Em grande parte da região, não existe esta possibilidade.

Um outro agravante é o problema da fome, como salientamos no início da entrevista. A maior parte dos empregos nos países da África Subsaariana estão na economia informal, para ser mais preciso, 76%. Dessa forma, milhões de adultos e crianças só possuem essa forma de sobrevivência e isso depende das ruas, dificultando o isolamento social – uma das principais formas de evitar o contágio.

Acrescento ainda a diminuição da ajuda humanitária – essencial para muitos países da região, ou seja, como a pandemia afeta também muitos países doadores, esses recursos em volume menor irão dificultar ainda mais a situação na região.

Segundo dados do Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef), 258 milhões de pessoas que vivem na África Subsaariana não podem lavar as mãos porque não têm acesso a água e sabão. A realidade é mesmo esta? Que informações o senhor tem sobre isso?

De fato, os dados conferem. Em muitos países da região falta o básico, como água e sabão. Conforme apontam os dados do Unicef, 63% da população da região que vivem em áreas urbanas (258 milhões de pessoas) não têm acesso à possibilidade de lavar as mãos. O acesso à água nos países da África Subsaariana é extremamente difícil nas áreas urbanas e principalmente nas áreas rurais. Mais de 30% de todas as pessoas nos países da África Ocidental e Central não possuem acesso à água potável.

No Sudão do Sul, somente 34% dos lares conseguem acesso a um poço ou uma pia coletiva em menos de 30 minutos. Dessa forma, a limpeza regular das mãos usando sabão e álcool em gel enfrenta também a dupla problemática da penúria de produtos e do baixo poder aquisitivo da maioria da população. Diante desse quadro, as condições de higiene, uma das principais formas de evitar o contágio, tornam-se uma tarefa bastante complexa.

Como a experiência que os países africanos tiveram com o enfrentamento do vírus ebola contribui para o enfrentamento da covid-19? Qual é a situação em relação ao vírus ebola neste momento?

A epidemia do vírus ebola teve início em março de 2014, na Guiné, e propagou-se para países vizinhos como Libéria, Serra Leoa e Nigéria, atingindo quase 30 mil pessoas e levando mais de 11 mil à morte. A epidemia foi contida apenas no final de 2015.

A experiência principal decorrente do enfrentamento do ebola, e que pode ser utilizada neste momento, seria a questão do isolamento social, maior atenção com as fronteiras, cuidados maiores com a higiene das mãos para aqueles que possuem condições adequadas para isso.

Em abril deste ano, foram detectados alguns novos casos de ebola na República Democrática do Congo, na província do Kivu Norte.

Que outras epidemias têm sido frequentes na África e como os países têm lidado com elas?

A situação do HIV na região ainda é bastante preocupante. Do total de 37,9 milhões de pessoas vivendo com o HIV, 68% fazem parte dos países da África Subsaariana, segundo a Unaid [Programa Conjunto das Nações Unidas sobre HIV/Aids]. A pandemia do coronavírus pode também prejudicar os programas de luta contra doenças e epidemias preexistentes (tuberculose, sarampo, malária etc.), pois ficam suscetíveis de perder parte dos recursos financeiros que lhe são atribuídos por governos e ONGs.

As mesmas dificuldades do ponto de vista das condições do sistema de saúde na região, bem como os problemas sociais, geram uma série de transtornos para o combate de diversas outras epidemias que sempre fizeram parte da realidade dos países da região. Caso o número de infectados pela covid-19 venha a aumentar na África Subsaariana, o setor de saúde, já bastante debilitado, poderá deixar muitas pessoas sem acesso a qualquer tipo de atendimento.

Quais são as projeções econômicas e sociais para a África Subsaariana pós-pandemia?

Ao longo do período 2000/2014, a trajetória das economias africanas tem sido caracterizada por um ritmo de crescimento do PIB superior à média mundial. Após esse período, observamos uma desaceleração da expansão econômica nos últimos anos. O menor ritmo de crescimento afeta particularmente os países exportadores de petróleo e de minérios, além de um forte aumento do nível do endividamento público. Fica evidenciado também que, salvo exceções como Etiópia, Ruanda ou Senegal, a inserção competitiva na globalização não estimulou a diversificação de economias que seguem dependentes das exportações de um pequeno número de bens primários.

Segundo o Banco Mundial e o Fundo Monetário Internacional, ambos antecipam um cenário recessivo para a região da África Subsaariana. Os economistas da instituição preveem uma queda do PIB oscilando entre -2,1 e -5,1% em 2020, caracterizando, assim, a primeira recessão desde o final da década de 1990. Há uma combinação de fatores como a desorganização dos circuitos produtivos e comerciais, a queda dos Investimentos Diretos Externos (IDE) e outros fluxos financeiros, como ajuda internacional, remessas de trabalhadores migrantes, receitas do turismo etc., bem como os impactos do confinamento e das restrições à circulação.

Os impactos da covid-19 afetam a economia mundial como um todo, fazendo com que a retração seja da ordem de 2% a 3%, e o volume do comércio mundial, que já vinha apresentando enfraquecimento nos últimos dois anos, poderá se contrair entre 13% e 32% em 2020.

Considerando os principais parceiros comerciais, com destaque para a China e a Zona do Euro, deve impactar os países africanos mais integrados às redes do comércio mundial de *commodities* da ordem de 35% para os países da região, afetando principalmente os países exportadores de petróleo (Nigéria, Angola, Chade, Guiné Equatorial, Sudão do Sul, República do Congo). A renda das exportações desses países já tinha sido impactada pela queda do preço do barril decorrente da guerra comercial entre Arábia Saudita e Rússia.

No tocante ao turismo, os países mais afetados deverão ser a África do Sul, Cabo Verde e o Quênia.

Questões sociais

Sobre as questões sociais, começo destacando os possíveis impactos entre os grupos mais expostos à contaminação intracomunitária pelo coronavírus: eles figuram os refugiados, deslocados e outras vítimas de conflitos e perseguições, um contingente de aproximadamente 26,4 milhões de pessoas, segundo o Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (Acnur).

No Sudão do Sul, 200.000 pessoas vivem em campos superpovoados e sem acesso a instalações sanitárias adequadas. As restrições à circulação das pessoas, que se impõem aos profissionais do setor humanitário,

são suscetíveis de agravar ainda mais a situação, prejudicando o acesso das agências da ONU e as ONGs aos campos. O impacto da pandemia sobre as famílias africanas pode, também, ser considerável. A combinação entre o aumento do desemprego – 20 milhões de empregos formais estariam ameaçados – e de retração das atividades informais, que representa mais de 70% na região, pode levar milhões de africanos para a situação de pobreza extrema, aumentando ainda mais o contingente que já é de mais de 400 milhões.

Como as viagens do papa Francisco à África Subsaariana repercutiram na região? Que repercussões o senhor tem visto nesse sentido?

A viagem do papa Francisco para Uganda, Quênia, República Centro-Africana foi bastante importante para enfatizar o respeito e a tolerância em relação à diversidade religiosa.

No que diz respeito às questões sociais, chamou atenção para problemas como de crianças soldados, refugiados, mutilados de guerra, as vítimas do HIV, condenando todas as formas de desigualdade, e enfatizou também o problema da mudança climática.

Deseja acrescentar algo?

Gostaria de deixar claro que as minhas reflexões sobre os países da África Subsaariana estão baseadas em estudos que venho fazendo desde o início dos anos 2000 e, principalmente, em mais de uma década de docência em Angola em cursos de Pós-Graduação, oferecendo a disciplina Macroeconomia do Desenvolvimento voltada para África Subsaariana e Angola.

Dessa forma, enfatizo alguns pontos que julgo importantes, para a reflexão sobre a região:

(i) não existe uma África e sim várias Áfricas numa só. A diversidade entre os países é muito grande, portanto, deve ser considerada;

(ii) apesar dos indicadores sociais pouco favoráveis, não compartilho a visão baseada no afropessimismo, qual seja, de um presente e futuro caótico para a região, nem um otimismo exagerado. Acredito muito no potencial de resiliência do povo africano;

(iii) uma região na qual brotou um dia o movimento Pan-Africanista e pessoas do mais alto gabarito, como os líderes Amílcar Cabral, Mandela, Agostinho Neto, Lumumba, e nas artes, Cesaria Évora, Mia Couto, Pepetela e Agualusa, pode e deve pensar de forma endógena, fazer sua própria reflexão acerca de seu presente e futuro.





As tranças carregam códigos sociais e hierárquicos das tribos africanas



Na cultura afro, o corpo é um dos melhores suportes para receber símbolos que traduzem lugares, segmentos étnicos, comunidades, sociedades e civilizações. Todos os retratos aparecem de costas, quase sem identidade, dando maior foco aos cabelos penteados. Pode-se pensar em relevos escultóricos, muito bem definidos, volumetrias. Os desenhos dos cabelos podem ser simétricos ou não, volumosos ou não, trazendo sempre uma imagem clara, por vezes improvisações muito bem construídas. As tranças carregam códigos sociais e hierárquicos das tribos africanas. Podem representar uma noiva ou um guerreiro.

Disponível em:

<https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/as-trancas-carregam-codigos-sociais-e-hierarquicos-das-tribos-africanas/>.

O resultado minucioso vem de pesquisas em museus do Quênia e da Nigéria, com a participação da trançadeira baiana Mariana Desibério, que deslocou os penteados para a cabeça dos modelos.

O fotógrafo investe não no exotismo, no folclore, mas sim na interpretação honesta da realidade investigada.

Baiano de Salvador, Robério Braga iniciou sua carreira como fotógrafo em 1993, participando da Bienal do Recôncavo (São Félix) e da Mostra Nacional de Fotografia na UFBA. Uma das coisas a ressaltar é o trabalho de luz de Robério Braga, luz doce, comedida e exata. Fotografia é desenhar com luz e contraste. O artista diz enxergar a fotografia como pintura, talvez pela herança artística de seu avô, Mendonça Filho, pintor baiano. No entender do fotógrafo, a cabeça tem um destaque especial porque reúne significados míticos e sociais de gêneros: hierárquico e sagrado. Isso formaliza esteticamente os princípios de pertencimento e de identidade. A comunicação se dá por inúmeros materiais que estão presentes no corpo para particularizar a pessoa. As artes corporais identificam a pessoa e o seu momento de vida em um grupo, daí podem se destacar os penteados que representam papéis sociais e distinguem o indivíduo na construção da alteridade. Dessa maneira, os resultados estéticos estão unidos aos mais profundos significados da cultura e da ancestralidade.



OBJETIVOS DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL

3 SAÚDE E BEM-ESTAR



4 EDUCAÇÃO DE QUALIDADE



1 ERRADICAÇÃO DA POBREZA



2 FOME ZERO E AGRICULTURA SUSTENTÁVEL



3 SAÚDE E BEM-ESTAR

4 EDUCAÇÃO DE QUALIDADE

5 IGUALDADE DE GÊNERO



6 ÁGUA POTÁVEL E SANEAMENTO



7 ENERGIA LIMPA E ACESSÍVEL



8 TRABALHO DECENTE E CRESCIMENTO ECONÔMICO



9 INDÚSTRIA, INOVAÇÃO E INFRAESTRUTURA



10 REDUÇÃO DAS DESIGUALDADES



11 CIDADES E COMUNIDADES SUSTENTÁVEIS



12 CONSUMO E PRODUÇÃO RESPONSÁVEIS



13 AÇÃO CONTRA A MUDANÇA GLOBAL DO CLIMA



14 VIDA NA ÁGUA



15 VIDA TERRESTRE



16 PAZ, JUSTIÇA E INSTITUIÇÕES EFICAZES



17 PARCERIAS E MEIOS DE IMPLEMENTAÇÃO





Como a cultura africana influencia o Brasil

Os africanos influenciaram a cultura brasileira de incontáveis maneiras em incontáveis aspectos, seja na dança, religião, culinária, música, arte ou vocabulário.

Os principais povos africanos que influenciaram a identidade cultural afro-brasileira foram os bantus, nagôs, jejes, hauçás e malês, que foram escravizados e trazidos para o Brasil, e tiveram a sua cultura suprimida pelos colonizadores europeus.

Como exemplos dessa influência, diversas palavras de conhecimento geral na língua portuguesa têm origem africana, tais como “miçanga”, “moleque”, “corcunda”, “samba”, entre muitas outras, sendo grande parte de origem bantu.

Além do vocabulário, as mulheres negras influenciaram muito na culinária, por serem as cozinheiras dos engenhos durante a época do Brasil colonial. A partir de suas receitas, originaram-se a feijoada, a cocada, a pamonha, o acarajé, entre outros.

A dança e a música popular brasileira como o samba, por exemplo (que teve origem em cerimônias africanas religiosas), também tiveram muita influência da África, além dos instrumentos musicais, como o berimbau, cuíca, tambor, atabaque e marimba, que são também de origem africana.

Muitas religiões afro também se espalharam pelo Brasil na época colonial, como o Candomblé, a Umbanda, o Xangô, o Babaçuê e o Batuque. Muitas delas são resultado de uma combinação de religiões africanas e europeias, por exemplo, a associação de orixás com santos católicos.





Continente de marionetes

Sabemos que a colonização do continente africano significou controle europeu. O que muitos não sabem é que ele ainda não acabou. Por exemplo, durante a distribuição do continente entre as potências europeias, no final do século XIX, (apenas 136 anos atrás), os novos territórios muitas vezes abrigavam tribos inimigas ou separavam tribos amigas propositalmente. Desse modo, era mais fácil para os colonizadores controlarem as reações dos colonos. Isso contribuiu para os conflitos internos, culturais e religiosos, que ocorrem até hoje na África.

E o controle europeu no continente africano não para por aí: quando os territórios enfim retomaram suas liberdades e viraram países, suas já estabelecidas economias de exportação os mantinham dependentes de outros países, geralmente os ex-colonizadores. Portanto, grande parte dos países africanos não conseguem fazer crescer sua própria economia e continuam pobres.

Sem falar na conhecida escravidão, a mais descarada forma de controle europeu já exercida sobre os africanos, que atualmente existe como escravidão sexual. Muitas mulheres nigerianas são enganadas e levadas para a Europa para trabalharem como escravas sexuais. É o caso de Kemi, uma garota nigeriana.

Por mais que esteja livre dos grilhões, a África não sente liberdade. O controle precisa acabar.

por Isabella Alves





Curiosidades



1- Grupos étnicos e línguas variadas.

Existem cerca de 3.000 grupos étnicos distintos e praticamente 2.000 línguas diferentes.

2- O rio mais longo está na África.

O rio Nilo, o mais longo do mundo com 6.650 km de extensão, atravessa diversos países da África.

3- Pirâmides por toda parte.

Embora as pirâmides mais famosas fiquem no Egito, o país com mais pirâmides é o Sudão.

4- Universidade exemplar.

Uma das mais antigas universidades é localizada no Mali, uma das melhores universidades da época.

5- Berço da humanidade.

Foi na África que os primeiros hominídeos surgiram (milhões de anos atrás!).

6- Maior e mais quente deserto.

O deserto do Saara é o maior deserto do mundo e também é o que atinge as maiores temperaturas.

7- O animal terrestre mais rápido e o maior são africano.

O guepardo africano consegue atingir 96 km/h e o elefante africano pesa até 6 toneladas.



A África e seus leões

Minha primeira imagem da África, ainda criança, era associada àqueles passeios de exploradores formidáveis que já tinham conhecido o mundo e que, em determinado momento de suas vidas, partiam para uma das mais incríveis aventuras: um safári inesquecível, com direito à caça de leões, observação de zebras, passeios em grandes jipes e banquetes de refeições nativas. Houve até momentos em que essa expedição também visitou os meus sonhos. Neles, eu percorria as savanas e os desertos num jipe verde-exército, com binóculos, chapéu, bermuda e camisa cáqui. Na volta do safári, era recepcionada por rituais festivos de tribos africanas, abençoando o meu passeio, celebrando a minha visita e torcendo pelo meu retorno.

Mas eu cresci.

A África dos leões, elefantes, tigres, rinocerontes, desertos e safáris extravagantes não mais domina a minha imaginação e sonhos como antes.



Escolas, TVs, jornais e revistas apresentaram-me outra dura realidade: a de um continente assolado pela fome, miséria, desigualdade social e doenças.

Notícias como “A África registrou o aumento mais significativo da fome na pandemia” ou “Covid-19: Por que é que a vacinação em África está tão atrasada?” apareciam por todos os lados a mostrar que milhares de africanos têm fome, doenças, sofrem perseguição religiosa e violência de grupos terroristas.

O continente clama por ajuda. É evidente que não é um dos mais desenvolvidos e avançados economicamente ou politicamente, mas a África não se resume apenas à fome e à miséria.

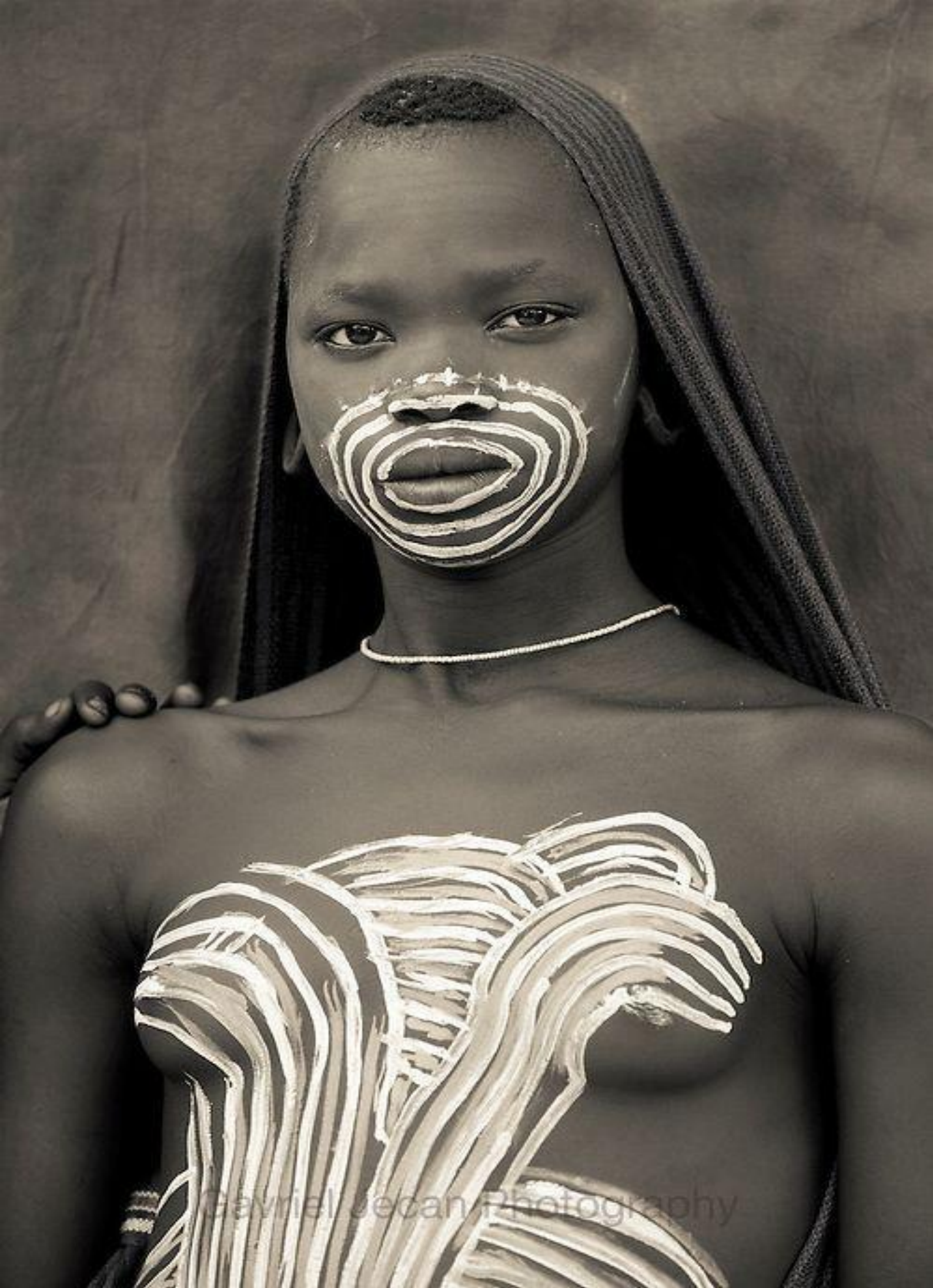
Infelizmente, nunca tive o prazer de visitá-la, mas, por minhas pesquisas, a África é um dos continentes com a cultura mais bela, forte e marcante dos que já tive conhecimento. As diversas etnias, os diversos idiomas, as diversas tradições, as diversas riquezas, a diversidade do continente me encanta. É preciso que as pessoas amadureçam, se informem, e se desprendam da ideia de que desigualdade social, crise e miséria são palavras que representam unicamente a África em seu todo.



<http://operamundi.uol.com.br/conteudo/opiniao/37597/charge+ebola+causa+comocao+apos+risco+de+epidemi>

estudegratis.com.br





Gayriel Jecan Photography

ingredientes

- 1 quilo de carne patinho moído
- 1 fatia grossa de pão
- 1 xícara de chá de leite
- 1 cebola grande picada em fatias bem finas
- 12 amêndoas descascadas e picadas
- 2 colheres de sopa de margarina ou óleo
- 1 colher de sopa de curry
- 1 colher de chá de cúrcuma ou colorau amarelo
- 75 gramas de uva-passas sem sementes
- 10 damascos desidratados
- 4 colheres de sopa de suco de limão
- 6 folhas de louro
- Sal
- Pimenta-do-reino



modo de preparo

1. Corte o pão em pedaços, coloque-o numa tigela e cubra com meia xícara de leite, deixando de molho por alguns minutos. Depois, amasse o pão levemente com um garfo.
2. Esquente a margarina ou o óleo em uma frigideira de ferro, em fogo brando, e frite as cebolas por 5 minutos. Tire do fogo e misture todos os ingredientes, exceto os ovos e o leite, numa forma refratária, pressionando sobre as folhas de louro.
3. Bata os ovos com o leite que ficou reservado, tempere com sal e pimenta, e jogue sobre a mistura de carne.
4. Aqueça o forno a 170 graus Celsius e asse por aproximadamente 45 minutos, até que os ovos e o leite se incorporem à massa e a carne esteja cozida.
5. Para decorar, coloque algumas folhas de louro sobre a carne.

bunny chow

ingredientes

- 1 kg de coxão mole Minerva
 - 4 colheres (sopa) de óleo
 - 4 canelas em pau de aproximadamente 2,5 cm
 - 6 cardamomos verdes
 - 6 cravos
 - 1 folha de louro
 - 2 colheres (chá) de semente de erva-doce
 - 2 colheres (chá) de curry amarelo
 - ½ pimenta dedo-de-moça picada, sem semente
 - 1 cebola grande em cubos pequenos
 - 1 colher (sopa) de gengibre picado
 - ½ colher (chá) de cúrcuma
 - 1 colher (sopa) de alho picado
 - 1 colher (sopa) de suco de limão ou vinagre de maçã
 - 2 colheres (chá) de açúcar
 - 2 colheres (chá) de garam masala
 - 4 colheres (sopa) – não muito cheias – de masala picante
 - 4 xícaras (chá) de água
 - ½ xícara (chá) de purê de tomate
 - 1 tomate picado
 - 2 batatas em cubos
 - 1 cenoura em cubos
 - Coentro fresco ou salsa fresca picadinha
 - Sal a gosto
 - Pão redondo para rechear
2. Mexa durante alguns segundos e em seguida coloque o curry, a pimenta dedo-de-moça, a cebola picada, a cúrcuma, o gengibre e o alho. Refogue tudo de três a quatro minutos e reserve. Misture o vinagre de maçã ou o limão, o açúcar, o garam masala e a masala picante e mexa bem.
 3. Adicione a carne picada em cubos e o sal. Misture até que a carne esteja coberta pelos temperos, tampe a panela e cozinhe em fogo médio até sair o caldo da carne. Mexa de vez em quando, até que a carne esteja bem refogada e o óleo fique na superfície do líquido.
 4. Adicione a água e continue cozinhando até a carne ficar macia. Junte o purê de tomate, os tomates picados, as batatas e as cenouras. Quando os legumes estiverem cozidos e o molho ligeiramente reduzido, coloque o coentro ou a salsa. Continue cozinhando em fogo médio.
 5. Corte o topo do pão em forma de tampa, retire o miolo, preencha-o com o molho e volte a cobri-lo com a tampa. Sirva quente

modo de preparo

1. Em uma panela grande, aqueça o óleo e adicione a canela, o cardamomo, o cravo, o louro e as sementes de erva-doce.





recomendações

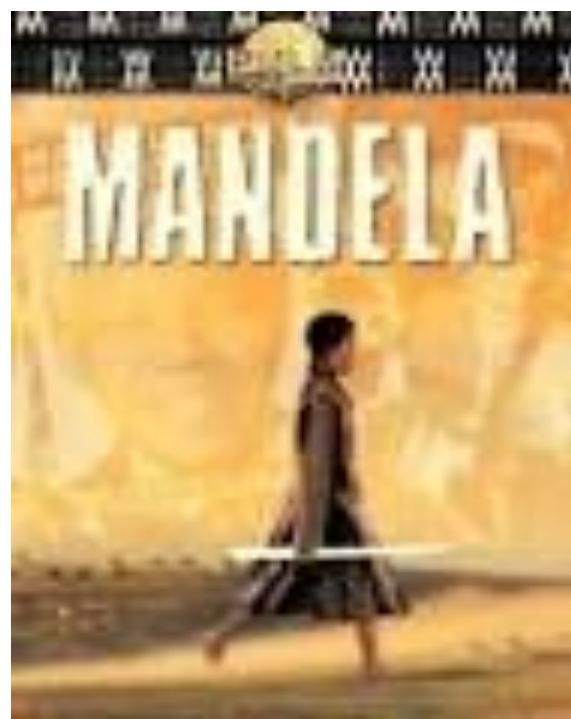
Recomendação de filmes, séries e livros sobre o continente africano, vindas diretamente da equipe da Futuro.

Filmes e séries

Invictus (2009): Após o fim do *apartheid*, o recém-eleito presidente Nelson Mandela lidera uma África do Sul que continua racial e economicamente dividida. Ele acredita que pode unificar a nação através da linguagem universal do esporte. Para isso, Mandela junta forças com François Pienaar, capitão do time de rúgbi, promovendo a união dos sul-africanos em favor do time do país na Copa Mundial de Rúgbi de 1995.

Mandela: Son of Africa, Father of a Nation (1996): Mandela é o maior líder da África negra e foi o primeiro presidente negro da África do Sul pós-*apartheid*. Por meio da narrativa do próprio Mandela, conheça a personalidade do homem que dedicou sua vida a combater a segregação em seu país.

Winnie (2011): Enquanto seu marido cumpria uma sentença de prisão perpétua, paradoxalmente mantida em segurança e moralmente não contaminada, Winnie Mandela enfrentou a violência bruta do *apartheid*, lutando na linha de frente e onde ninguém via.



Da África aos EUA: uma jornada gastronômica (2021): Comida africana é comida americana. Nesta série documental, o *chef* e escritor Stephen Satterfield mostra pratos saborosos viajando da África ao Texas.



Livros



O livro profético de como a Terra terminará

Último livro da série “O Grande Conflito”, que consiste em cinco livros, relata a destruição de Jerusalém, o início e o fim da igreja católica, a perseguição dos mártires, a coragem deles; retrata como serão os últimos anos da Terra, pragas, terremotos, corrupção, injustiças, crises, guerras, coisas que são óbvias hoje mas não há 150 anos atrás, quando foi escrito; retrata como será a volta de Jesus segundo a Bíblia e como o pecado chegará a termo. Tudo isso com riqueza de detalhes e fundamentado em passagens bíblicas. Espantoso e esperançoso ao mesmo tempo, dependendo de que lado você vai escolher estar no grande conflito.



O livro “**Diário de Pilar na África**”, escrito por Flávia Lins e Silva e ilustrado por Joana Penna, traz mais uma história da aventureira Pilar. Dessa vez, a garota e seu amigo Breno pulam na rede mágica e vão parar no continente africano, na época da escravidão. Lá, eles visitam países como a Nigéria e a República dos Camarões. A dupla, assim que chega à África, conhece Fummi, uma bela princesinha iorubá. Eles são convidados pela família dela para uma grande festa e aprendem um pouco sobre a religião e os costumes daquele povo. Porém, algo terrível acontece. Os pais da princesa são levados por homens que escravizam outros homens.



CAÇA-PALAVRAS

As belezas naturais da África

L E Ã O L S A L D S I T S U I F T U
T L T H W H I E N A Y R T I S I K L
T E E I M R S O G I R A F A D D W I
D F S P A A E P U S E R E N G E T I
M A A O D W T A S A A R A L A S A N
I N H P A B E R O V C D H O S A H H
T T E Ó G G E D B A O B Á D F E S D
I E L T A N M O L N I D Y A I E I L
E A Y A S U R I C A T O O E K T E H
U Y T M C S T K T T E H C E O A H T
T W E O A I C E O D E H S P R A S G
T E E N R A I E H U R D S I M I E N

BAOBÁ

GNUS

LEOPARDO

SAARA

SERENGETI

ELEFANTE

HIENA

LEÃO

SAHEL

SIMIEN

GIRAFÁ

HIPOPÓTAMO

MADAGASCAR

SAVANA

SURICATO





A Grande Muralha Verde

Onze países da África estão erguendo uma verdadeira muralha de árvores que se estende de leste a oeste e alcança 8 mil quilômetros de comprimento e 15 quilômetros de largura. A intenção do enorme cinturão verde é diminuir os impactos das mudanças climáticas, mitigar o processo de expansão do deserto do Saara e, de quebra, gerar renda para os habitantes de uma das regiões mais pobres do globo.

O Senegal, até o momento, é a nação mais empenhada no projeto: já foram plantadas mais de 11 milhões de mudas por lá. O país tem experimentado mudanças climáticas abruptas desde o início do século, com tempestades de areia jamais vistas, diminuição da chuva e avanço do deserto do Saara sobre áreas de cultivo de alimentos.

Os líderes dos países dessa região, conhecida como Sahel, enxergam no plantio de árvores uma forma de impedir o avanço do processo de desertificação. Antes, o vento escavava e desgastava o solo, reduzindo as já diminutas reservas de água. Agora, as raízes das árvores mantêm o elemento natural no solo, fazendo com que os poços que estavam secos voltem a encher.

O grande cinturão verde começou a ser levado a cabo em 2007 e tem custo estimado de US\$ 8 bilhões – cerca de R\$ 25 bilhões, na cotação atual. Mais do que erguer uma grande barreira de árvores em volta de um dos maiores desertos da Terra, o projeto beneficia a população da África subsaariana com geração de empregos e a possibilidade de produzir diversas culturas de alimentos.

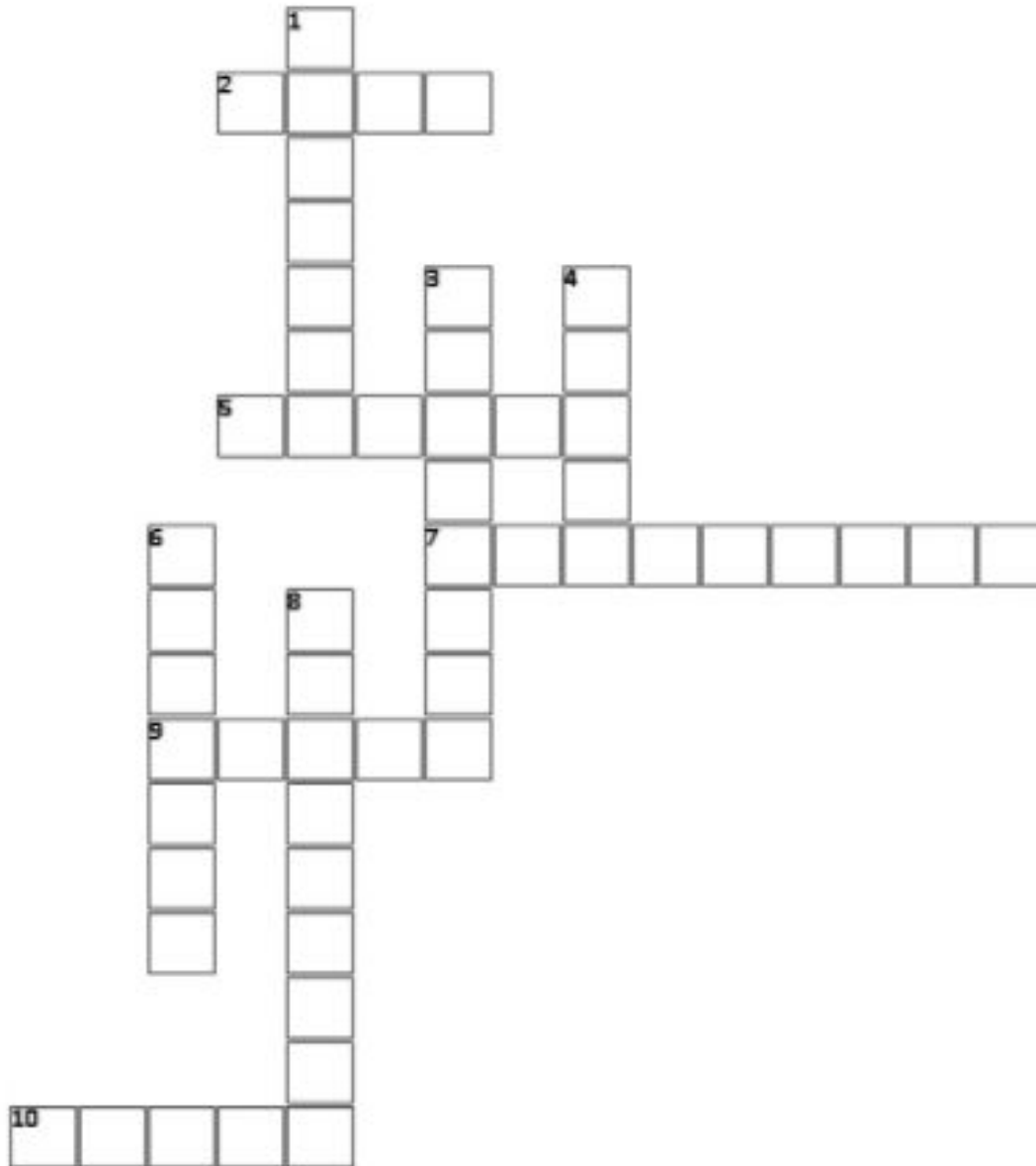


Disponível em:

<https://www.megacurioso.com.br/estilo-de-vida/104342-por-que-esta-sendo-erguida-uma-muralha-de-arvores-no-meio-de-africa.htm>.



CRUZADINHA



Horizontais

- 2 Doença com a qual $\frac{2}{3}$ dos infectados do mundo estão na África
5 Vegetação que se localiza nas faixas de clima tropical semelhante ao cerrado
7 Primeiro presidente negro da África do Sul
9 Primeiro Estado a se constituir na África
10 A maior cidade da África

Verticais

- 1 País dos negros que trouxeram o candomblé ao Brasil
3 Relevo predominante no continente africano
4 O maior deserto quente do mundo
6 Maior país do continente africano
8 O menor e mais rico país africano





África ultrapassa marca de 200 mil mortes por covid-19

Continente enfrenta cruel escassez de vacinas e tem menos de 3% da população totalmente imunizada.

A África superou, nesta terça-feira (7), as 200 mil mortes por coronavírus desde o início da pandemia, em meio a uma cruel escassez de vacinas e com menos de 3% de sua população totalmente imunizada.

Os 54 países da região, que no entanto não foram tão afetados como outras partes do mundo, registraram um total de 200.254 mortes, de acordo com uma contagem da AFP.

Depois de vários meses particularmente mortais, com 27 mil mortes em julho e 26 mil em agosto, a propagação da pandemia perdeu força no continente.

Atualmente, ocorrem lá 617 mortes por dia, enquanto no final de julho chegavam a 990, um recorde.

Os números são baseados em relatórios diários das autoridades sanitárias de cada país ou da Organização Mundial da Saúde (OMS).

A OMS estima que, se o excesso de mortalidade relacionado direta e indiretamente à covid-19 for levado em consideração, o número de vítimas da pandemia pode ser duas a três vezes maior do que o oficialmente comunicado.

“Os meios de detecção são muito fracos no continente”, explicou a cientista sul-africana Glenda Davidson. E o registro de óbitos muitas vezes é aproximado ou impreciso, observou.

O recente declínio da covid-19 em escala continental é devido a uma queda acentuada nas infecções nos países mais afetados na área. Na África do Sul, o país oficialmente mais afetado pela pandemia, com 83.899 mortes, nos últimos sete dias ocorreram cerca de 7.400 novos casos e 234 mortes por dia em média, enquanto em julho eram até 20.000 casos e 420 mortes por dia.

A queda é ainda mais importante na Tunísia, onde nos últimos sete dias foram registrados em média 1.680 casos e 64 mortes por dia, valores 41% e 39% menores, respectivamente, do que na semana anterior.

Em julho, o governo classificou a situação de “catastrófica”, com até 7.900 casos e 207 mortes por dia. Mas o verão tunisino também foi marcado por uma forte aceleração da vacinação: mais de 37% dos cidadãos receberam pelo menos uma dose, enquanto, em 1º de julho, apenas 11% o haviam feito.

A África é o continente onde a vacinação está menos avançada. Apenas oito doses foram administradas por 100 habitantes, de acordo com uma contagem de AFP, em comparação com 102 na Europa e 116 nos Estados Unidos e Canadá.

No final de agosto, a OMS denunciou as “desigualdades ofensivas” no acesso às vacinas. Segundo a organização, apenas cerca de 2,93% da população africana está totalmente vacinada, contra 52% nos Estados Unidos e 57% na União Europeia.




Disponível em:

<https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2021/09/07/africa-ultrapassa-marca-de-200-mil-mortes-por-covid-19.ght>

ml.

SOS ÁFRICA

 Moçambique, Zimbábue e Maláui

Sua ajuda salva vidas



CNBB



CÁRITAS
BRASILEIRA

caritas.org.br



[/caritasbrasileira](https://www.facebook.com/caritasbrasileira)



[/caritasbrasil](https://www.twitter.com/caritasbrasil)

